

# Flecha no tempo

LUIZ ANTONIO SIMAS  
LUIZ RUFINO

REVISÃO  
Marília Gonçalves

DESIGN E DESENVOLVIMENTO  
Patrícia Oliveira

© 2019 MV Serviços e Editora.  
Todos os direitos reservados.



R. Teotonio Regadas, 26 – 904  
Lapa • Rio de Janeiro • RJ

[www.morula.com.br](http://www.morula.com.br) • [contato@morula.com.br](mailto:contato@morula.com.br)

## NOTA INTRODUTÓRIA

O CONTRÁRIO DA VIDA NÃO É A MORTE, MAS O DESENCANTO. Partindo desse princípio, estes textos foram escritos com a palavra encabocada e o olhar atento à labuta das iaôs que cobrirão com folhas de pitangas o nosso solo fértil, macaia das solidões compartilhadas. Para a batalha, os ogãs preparam o balaio das iabás, aquele que será ofertado na quebrada do sol, onde o mar afaga o céu e o mundo continua. Contra o canhão, o caboclo riscará o chão da mata. Ossain preparará um banho com as jinsabas mais cheirosas; Vunji convidará as crianças; Angorô, que é também Oxumarê, inventará improváveis arco-íris; Gongobira encherá de peixes coloridos a lagoa de águas escuras, densa como as florestas de onde um Guarani trará a carne saborosa das caças. O senhor da guerra forjará no ferro em brasa cimitarras, adagas e, sobretudo, ferramentas de inventar o mundo. Um cortejo de cabras, pombas e caramujos precederá o afoxé anunciado pelo pano branco de Lemba-Dilê. Tem amalá no fogo e rogações ao milho nas bandeirinhas de São João. E começará o ritual: os corpos terão que ser fechados ao assombro domesticador, normatizador e disciplinador que se emana no carregamento colonial, aquele que exige corpos adequados para o consumo e para a morte em vida, a pior que há. Saravamos os mortos que vivem valentemente galopando seus cavalos (de santo); choramos os vivos que são mortos sem cavalo, sem galope, sem vento ou valentia. Flecha no tempo

parte de um desafio e de uma constatação: ou escutaremos e falaremos com outras vozes ou nos calaremos pra sempre. Elas serão musicadas, gingadas, atravessadas e batucadas. Para não morrer, evocamos a sabedoria dos “cumbas”, poetas do feitiço das palavras do Congo velho, e a disponibilidade dos caboclos versados nas artimanhas de tecer encantarias libertadoras no precário. Nossa peleja precisa ser levada, como vivência, reflexão e ação macumbada, para o campo dos saberes onde os desencantadores não sabem jogar, como bandeira fincada no Humaitá. Para cada discurso empedernido, uma gargalhada zombeteira zumbirá no vento feito um anti-amém, marafando letras e corporificando a palavra como a encruzilhada de onde as flechas voam para desassombrar o medo e encantar o mundo.

# A primeira flecha

*“Só o caboclo é quem sabe,  
A onde a flecha caiu.”*

SEU MOÇO, DONA MOÇA, por que você me olha? Se não me conhece, então não me namora. Moro na casca da imburana, saio no romper da aurora, sou gente de outro tempo, visto casaca de cobra. Ê, não me olha, não me olha, se não me conhece, então não me namora. Enquanto a maré não baixa, enquanto juriti não pia, kara’iwa amanhece cantando as horas do dia. A esquiva no tempo já contou essa história. Novamente o assombro, parido há séculos, o constructo, o apagão histórico, o esvaziamento das memórias, o embaraço cognitivo, o analfabetismo das gramáticas maternas.

A flecha atirada não é vista por olhos de grandeza, a lógica é outra. O ponto que abre caminho para outra volta em torno da cobra grande é aquele que firma o que foi riscado na areia. Viremos caboclos! Sejamos valentes, guerreiras e guerreiros, curadores, mestras e mestres de ofício e zelação. Sejamos feitos de caboclaria, os seres e saberes das minas, dos terecôs, dos aldeamentos e esquinas do Brasil. Caboclo é o termo que

designa aqueles que dobraram a morte através do encanto. Índio é invenção de kara'iwa, caboclo é morador da mata, come folha, se banha na areia e se veste de samambaia. Caboclo é rei, rainha, princesa, marinheiro, menino, pé de cana, capoeira, montador de vento, sereia de água doce, orixá brasileiro. Caboclo é aquilo que quiser ser, porque inventou a vida para além do desvio. Caboclo é o destruidor dos parâmetros da empresa de desencanto. É a magia que afirma a vida sob a civilidade de um mundo morto.

Faça um samba raiado, me espreite em desafio, não me sinto acuado, pois venho de longe e conheço de tudo um pouco. Cante para mim que me emparelho contigo, os tambores dobrarão o vento para embelezar o baile. Seus moços entendedores dos dizeres dessa gente, me façam um favor: me ouçam enquanto escrevem; sopro no ar a fumaça da transformação. Nada se acaba, tudo se transforma, a empresa contrária à vida tem sede de desencanto. Abasteçam a moringa, não parem, bebam mais um gole, no fundo da cuia tem muito “dizer” para ser dito. Caboclo não tem um só caminho, o caminho a gente inventa. Me permita uma palavra lanceira, apenas uma, e arrastarei a sucuri de dentro d’água para lhe confiar parte dos meus segredos.

Olhem para o céu que cobre a terra, reparem os desenhos que os olhos dos meninos fazem ao piscar sem parar noite adentro. Vocês não sabiam que cada estrela que alumia a escuridão é a bituca de um curumim que repara o mundo de lá de cima? Vejam o cruzeiro que se desenha no pestanejar dos miúdos; se repararam, façam um pedido. Acordemos os moradores dessa terra, as flechas lançadas atravessarão o redemoinho do tempo e cairão em lugar que só o caboclo sabe. Lanceiros, bocas e mãos de cura, capangueiros da Jurema, naturais do Juremá, mestres das artes do fazer, amansadores de feras, senhoras dos olhos d’água, das floradas e meninos que são os faróis do mundo, o que se ergue na invocação de suas

presenças?

Caboclo descansa na sombra do jatobá, vira suçuarana na noite, ecoa fazendo zoeira na queda d'água. Quando quer espreitar as coisas por outro ponto, vira gente. Homem é coisa do olho de kara'iwa, que mira o mundo, mas não se vê. Quantas luas se passaram enquanto o couro dobra nas mãos dos cambonos para contar nossas histórias; flechadas para acordar vocês de seu sono? Qual é a anestesia que não permite que a presença que inventou o *outro* seja interpelada sobre as suas ações e chamada à responsabilidade. Quantos nomes podemos dar para essa terra e para as gentes que fazem daqui sua morada?

Guerreiros e caminantes de ponta a ponta desse lugar, nós nos alimentamos até de gente para imantar a força vital. O fundamento do campo de batalha é potencializar o sentido da vida; jamais exterminá-lo. Assim, o jogo se inscreve como experiência de sociabilidade que não tem como premissa a exclusão, mas a incorporação das vibrações que vagueiam e baixam nas coisas dando o tom daquilo que é o mundo. O destino de todo guerreiro é habitar na presença do oponente ou incorporá-lo em si, formando assim um outro ser que entronará as batalhas, virtudes e vibrações de ambos.

Kara'iwa desconhece as batalhas bonitas, pois vê a guerra como a destruição que alimenta o lucro. De seu espírito se pariu a ilusão do homem, não enquanto ser, mas enquanto noção que legitima e autoriza a presença de uns e a mortandade daqueles que foram inventados como *outros*. Assim, pode-se dizer que kara'iwa se alimenta da escassez, pois arregimentou o que é possível para a vida a partir de um contrato que lhe concede poder e o isenta de responsabilidade. Muitas das palavras que saem de suas bocas para manifestar o trato da vida, das relações que se tecem no cotidiano, são esvaziadas de sentido. O homem branco se distanciou do sentir.

Talvez seja por isso que caboclo fez da palavra a sua flecha, que sempre há de encontrar o alvo. Caboclo brada, vira bicho, desata o nó do tempo e escreve parte de seu saber no nevoeiro da fumaça. O sentir e o pensar não estão deslocados, pois o que é o *ser* se não uma vibração que vagueia no arrebate ritmado e ganha corpo através do sopro? Na ciência do encanto, o *ser* é um todo. Assim, a palavra do caboclo é parte de si, a vibração do caboclo é a prova de que a sua existência corre a gira da história e permanece como continuidade, supravivência.

Dessa maneira, meus camaradinhas, se o caboclo é a antinomia da civilidade, o sopro que o encarna e a ciência que o faz são artes de fiar saberes e gramáticas desconhecidas, negadas e reprimidas pela encarnação de *kara'iwa*. O Estado-Colonial é a forma que compreende os interesses e estabelece as metas a serem vividas, a partir dos olhos daqueles que miram e definem o que são os *outros*, mas não reconhecem a diversidade como fundamento da vida. Assim, o gerenciamento da mesma se estabelece com o poder da violência, que é utilizada para “determinar” racionalmente as possibilidades do *ser*.

O colonialismo, como espectro de terror, política de morte e desencanto que se concretiza na bestialidade, no abuso, na produção incessante de trauma e humilhação, é um corpo, uma infantaria, uma máquina de guerra que ataca toda e qualquer vibração em outro tom. Assim, entoa-se a questão: quais são as possibilidades de *ser* em um estado radicalizado na violência? Uma possibilidade que lançamos no tempo, como fuga desse modelo, é a de que viremos caboclos. Em outros termos, o *ser* em disponibilidade e poder de invocação para praticar a viração na ciência da caboclaria.

Supravivente, antinomia da civilidade, caboclo é a amarração que enigmatiza a luta contra as esferas de terror do colonialismo. O verso de encanto, aforismo da caboclaria, que

busca os trabalhadores do Juremá, diz: *todos morreram, eu não morri*. Diga lá, o que kara'iwa sabe da vida? Ou melhor, o que kara'iwa sabe sobre o que é vivo? Nessa terra já fui menino, me honrei valente, quando quero me deitar viro leito de rio. Para seguir no mundo me transformei em pássaro, empoleirei no alto e continuei a cantar: *maré encheu, maré vazou, de longe muito longe eu avistei Ará. A minha choupana coberta de sapê, meu arco, minha flecha e minha cabaça de mel*.

Risque na areia, pois a lição que fica reside no ato. Responderemos a esse e aos demais rodopios do tempo. O que chamam de descolonização e se manifesta como palavra e saber, sem o sentir e o ser, perpetua os vícios de kara'iwa. O caboclo sopra no cair desse dia que o ato é o corpo, a presença, o elo e a substância daqueles que miram outro tempo. A defesa da aldeia, das diferentes formas de ser, do campo formoso que se abre para vivenciarmos outros modos perpassa pela firmeza dos moradores e de todos os cantos que sustentam essa casa santa chamada vida.

Caboclo não tem caminho para caminhar. Caboclo das sete mil encruzilhadas corre gira, vira mundo e baixa onde quer. Abra caminho, vença a demanda, desate o nó, se levante e quebre as pedras, se banhe de outros sentidos. O carregamento alimentado há séculos precisa ser despachado para nossas virações desenharem um novo dia. Neste sentido, o desafio não é simplesmente se deslocar de uma margem para a outra, uma vez que nos subordinam a estar limitados a uma realidade cindida em dois polos. A peleja do agora pede a sabedoria dos encantos de outrora, as mumunhas ancestrais que nunca deixaram de existir, mas vivem no oco, no miolo de nosso sertão, campina e mata.

O trauma colonial permanece nos ataques aos corpos marcados pelos traços da diferença, na edificação de um modelo de razão monológica e de um modo de linguagem que não comunica, pois tem ânsia de silenciamento. O trauma



permanece na produção incessante de desigualdade que nutre os privilégios e prazeres de uma minoria. Porém, há jogo pra se fazer, volta ao mundo pra se dar no terreiro. Cruzando nossas flechas e soprando o pó do bendizer, consagramos no chão nossas apostas para o fortalecimento da travessia. Assim, nossas flechas se lançam para os quatros cantos dessa casa chamada existência. Cada flecha atirada emana um poder de transformação e de mobilidade do tempo. São quatro setas disparadas em um único tiro: *Educação, Cura, Cotidianos e Criança*.

Educação como levante/encantamento dos seres, como força vital e potência de transformação daqueles afetados pelo terror das injustiças cognitivas/sociais. Princípio e invocação de responsabilidade para com a vida em toda sua diversidade e como forma de “desaprendizagem” das investidas totalitárias empregadas pelo modelo de produção de escassez e morte. A Educação como fenômeno inerente à condição dos seres borda a tessitura de pedagogias inventivas e lúdicas focadas no tratamento dos traumas mantidos pela continuidade do terror colonial. Assim, a educação como elemento fundamental para proposição de um projeto de bem viver, de caminho pleno, suave e potente, contrário às empresas de desencante, se além à elaboração de repertórios táticos que inferem mobilidade, autonomia e emancipação nos seres.

Cura como a emergência da poética e da epistemologia do encante, a comunicação de suas gramáticas e a interlocução com diferentes esferas do conhecimento, a fim de firmar uma gira cruzada de interlocuções e aprendizagens plurais que desestabilizem a hierarquização dos saberes e a relação de centralidade no humano, em detrimento das múltiplas expressões da natureza. Assim, na perspectiva do poder de cura da caboclaria, há no mundo diferentes racionalidades e espiritualidades que resguardam inúmeras possibilidades de *vir a ser e estar*. Essas forças manifestam-se como linguagens que

tomam pra si as mais diferentes formas existentes. Dessa maneira, o homem/razão/consciência como *loci* de enunciação da racionalidade moderna ocidental não é a única possibilidade, e talvez não seja nem a principal, para que essas expressões se manifestem e comuniquem suas forças. A cura em si manifesta-se também como uma disponibilidade para o *vir a ser* atento a responder eticamente às investidas do espírito de dominação e da centralidade em uma razão que se quer única.

Cotidiano como lajeiro de invenções, campo formoso que se abre para o estudo, reflexão e prática da ciência encantada. Nele se imbricam as presenças, experiências e práticas de saberes e ritos como tessitura de um complexo e imensurável balaio de possibilidades de mundo. Como diz o aforismo da caboclaría brasileira: *Pedrinha miudinha de Aruanda, lajeiro tão grande de Aruanda... Uma é maior, outra é menor, a miudinha é quem nos alumeia.*

Quais são os caminhos possíveis diante um mundo obcecado pelo paradigma da grandeza, da totalidade? Nessa flecha atirada de nossas bocas firmamos que possibilidades serpenteiam na vida comum e muitas vezes não são credibilizadas porque nossos olhos estão condicionados a miradas grandes, subestimando a força que habita no miúdo. No caroço de dendê mora a sabedoria infinita, na folha do peregum mora a orientação que guia os seres na travessia do renascimento, na esquina se aponta a responsabilidade dos atos e na cachaça que tempera o hálito está a motricidade das criações. Assim, o cotidiano, mais que um campo inventivo, múltiplo e inacabado, se inscreve também como inventário de diferentes saberes e rotas.

Crianças, erês, curumins, moleques, brincantes, rueiros, vadios, piratas, super-heróis, viram bicho, negaceiam o denço e destronam qualquer pretensão de grandeza na gargalhada. Existências de síncope, imprevisibilidade, possibilidade,

potência criativa que concretiza no tempo do agora as realizações inimagináveis, pois são dotados de olhar de encanto. Vibrações que carregam um mundo de fartura, ritmos, cores e possibilidades de comunicação. Portadores de gramáticas flexíveis, inclusivas, caóticas, filosofias montadas na carcaça de formigas, nas esferas de sabão e no debicar das pipas que cortam o céu. A criança é o elemento que imanta as três flechas atiradas, a quarta flecha que carrega nela a força e a motricidade de um tempo e de seres que precisam se inventar para um encontro com o bem viver. Em um mundo inacabado, o jogo emerge como inteligibilidade do brincante, que para se lançar nele precisa ser dotado da inteligência do moleque, a vadiação.

A flecha lançada grita que urge o enfrentamento no campo das representatividades formais e na disputa política imediata. Mas isso não se opõe — e a rigor precisa — ao esforço de encantamento cotidiano do mundo pela mirada das alterações das gramáticas de percepção da vida, encantando a palavra, os corpos e as existências na precariedade das frestas, para que não sejamos os cachorros que perseguem os próprios rabos: eis a tarefa dos caboclos.

# O carrego colonial

*“A descolonização, sabemos-lo, é um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida, não encontra sua inteligibilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo.”*

[ FRANTZ FANON ]

QUAIS SÃO AS OBRAS DO COLONIALISMO? O que herdamos durante mais de cinco séculos de implantação de um estado de terror? Perguntas que não são fáceis de serem respondidas ou sequer podem ser, mas que tencionam as nossas subjetividades para que se engatilhem ações rebeldes e não nos contenhamos com a naturalização da barbárie imposta. Dessa forma, a invocação é para que nossas existências, em sua multiplicidade, ao serem interrogadas, substanciem inconformismo e que nossos atos transgridam os padrões aqui implantados, nos reconstruindo enquanto seres.

A colonização é um trauma permanente, ferida aberta, sangria desatada. A libertação dos produzidos como desvio ao longo da tragédia é uma emergência; uma dívida. Quais são os caminhos possíveis para a reparação? O pós-colonial será lido

aqui como um jogo de palavrão em que a enunciação que ecoará será aquela historicamente interdita. A descolonização, por sua vez, será perspectivada como fenômeno encruzado, ato responsável que implica transgressão e remontagem. Assim, o colocar-se de pé e caminhar e a emergência de novos seres são aqui perspectivados como faces dos poderes de Exu em suas facetas de Yangí e Enugbarijó: o movimento, a multiplicação, transformação e restituição.

Orunmilá e Exu são aqueles que enxergam, conhecem, acessam e caminham em todos os tempos/espacos. Exatamente por isso, Orunmilá, dotado de sabedoria infinita, é aquele que nos aponta as formas de potencializar os caminhos. Exu, por ser a própria dimensão de todo e qualquer movimento e ação criativa, é a força que opera nas ações que buscam a transformação. Assim, Orunmilá e Exu operam de maneira integrada, cruzando os diferentes campos do conhecimento, atuando na capacidade de interagir com os mesmos e gerando novos efeitos. Dessa maneira, eles fundam e estabelecem todo e qualquer princípio de comunicação, por isso são as potências ligadas à diversidade de formas possíveis e suas escritas.

Rumando a prosa, atemo-nos ao que nos diz Walter Benjamin, caboclo alemão<sup>1</sup>, em suas teses *Sobre o Conceito da História*. Elas podem também ser lidas como inspirações de Exu e Orunmilá, quem sabe como um verso das divindades soprado aos ouvidos do filósofo. No pensamento na picuia do caboclo, ele sugere que as lutas pelas coisas brutas e materiais não existem sem as dimensões refinadas e espirituais. As últimas características, porém, nem sempre são representadas ou percebidas nessas lutas. Isso se dá porque essas dimensões operam em campos sensíveis da existência. Sendo assim, o materialismo histórico deve ficar atento a esta transformação, a mais imperceptível de todas.

As obras da barbárie do colonialismo produziram mais do que o ataque à matéria, que aqui chamaremos de corpo, uma

vez que a dimensão corporal é uma das faces de uma existência complexa e integrada entre múltiplas dimensões, saberes e textualidades. A racionalidade moderna-ocidental, na edificação de um determinado modelo de conhecimento (epistemologia), produziu inúmeras injustiças cognitivas/sociais, uma vez que centrou o discurso do conhecimento credível como algo somente possível em detrimento dos saberes, enunciações e gramáticas assentes nos limites corporais.

Nessa perspectiva, as chamadas hierarquizações de saber<sup>2</sup>, o epistemicídio<sup>3</sup> e o semiocídio<sup>4</sup>, são efeitos que operam articulados à produção de desvio existencial, ontológico. O terreiro corpo é o primeiro lugar de ataque do colonialismo: o assassinato, o encarceramento, a tortura, o estupro, a domesticação e o trabalho escravo. Porém, os ataques à existência operam em um repertório mais amplo. Outro caboclo, de linha cruzada entre o lanceiro e preto velho, Frantz Fanon, problematizou a importância da linguagem como um campo a ser investido e problematizado para que se vasculhem rotas de enfrentamento ao racismo/colonialismo. Em sua obra, o autor desenha o que chama de um colonialismo epistemológico e avança no debate de como a linguagem em si não fala meramente sobre as formas, mas sobre a existência como um todo.

Assim, em uma gira traçada em que as sabedorias de Orunmilá e Exu se cruzam à invocação das presenças dos caboclos Fanon e Benjamin, riscamos um conceito que opera nos buracos da pavimentação do Novo Mundo e abre caminhos para a emergência de outras rotas: o *carrego colonial*. A colonialidade/modernidade produziu suas formas de dominação nos limites do ser/saber/poder e também capturando, subalternizando e relegando ao esquecimento uma diversidade de princípios explicativos de mundo. Nesse sentido, problematizamos o projeto colonial como uma

maquinaria que se fundamenta em uma instância de morte. Desta maneira, a dominação do ocidente europeu, desde a dependência das áreas sitiadas pelas metrópoles até a transformação delas em Estados Coloniais, onde a independência revela outras esferas de subordinação, nos diz que a produção de morte é um sistema que baliza o contrato social no Novo Mundo.

Porém, a morte nesse caso transcende o homicídio ou até mesmo a negação de qualquer direito civil; ela opera em diferentes planos, alguns dotados da fisicalidade e outros não. O que chamamos atenção com a proposição do conceito de *carrego colonial* é que, sob a inteligibilidade dos esquemas de terror do colonialismo, há o reconhecimento da memória e da ancestralidade como planos de reconstituição existencial. É nesse sentido que as ações de terror mantidas por uma política de mortandade/mortificação investem na produção do esquecimento.

Nesse sentido, o conceito de *carrego colonial* dá o tom de que as obras coloniais miram o corpo material/imaterial daqueles que são alvos do seu sistema de violência/terror. O assassinato, cárcere, tortura, desmantelo cognitivo e domesticação dos corpos estão atrelados ao desarranjo das memórias e saberes ancestrais. Por isso, a linguagem como plano de instauração do racismo, mas também como rota de fuga daqueles que são submetidos a esse sistema de poder, é um plano a ser explorado para a emergência de ações antirracistas/descolonizadoras. A configuração da descolonização é aqui lida como ato de responsabilidade com a vida em sua diversidade e imanência, ato de transgressão ao sistema de subordinação dos seres/saberes e resiliência daqueles que são submetidos ao mesmo.

A morte, signo que compreende muitos entenderes em um dizer, opera na lógica colonial como uma política de desencantamento. Assim, para combatermos o terror colonial

investiremos nas possibilidades do *vir a ser* e das práticas de saber, a partir de outros princípios explicativos de mundo. Ifá nos conta que Exu se tornou o melhor amigo de Orunmilá por livrá-lo de Iku. É fundamental que ressaltemos que Iku, erroneamente traduzido como sendo a morte, é a divindade responsável por restituir o corpo dos seres à terra e transportar as suas existências para o plano dos ancestrais. Nesse sentido, Iku é uma divindade que opera na manutenção dos ciclos da existência. O que múltiplas narrativas do corpo literário de Ifá nos ensinam é que a conceitualização de morte, como empregada nos limites da racionalidade moderna-ocidental e das narrativas explicativas presentes nas tradições judaico-cristãs, não alcança o entendimento acerca da noção de vida presente em outras culturas, aquelas acometidas pela violência colonial.

Assim, na interlocução com outras cosmogonias, Ifá nos conta que Orunmilá é aquele reconhecido por adiar o dia da morte. Essa tradução muito comum nas tradições de Ifá ressignificadas nas Américas traz como ensinamento não necessariamente o adiamento da morte, mas a potencialização da vida. Se perspectivarmos as narrativas explicativas de mundo assente nos poemas de Ifá como possibilidades do *vir a ser*, teremos, nas passagens que narram Exu livrando Orunmilá da morte, a intervenção de Exu alterando as rotas dos acontecimentos, pelo fato de Orunmilá ter praticado o ebó (sacrifício). Em outras palavras, o ebó é o procedimento que potencializa a vida. Dessa forma, no diálogo com a cosmogonia iorubá, o desencante emerge como uma instância de escassez e perda de potência, a radicalização desses efeitos é o esquecimento.

O *carrego colonial* opera como um sopro de má sorte que nutre o assombro e a vigência de um projeto de dominação que atinge os diferentes planos da existência do ser. O esquecimento perpetrado por essa agência de escassez e



desencanto produz uma espécie de blindagem, cristalização do tempo/espço e das possibilidades de emergência de outros caminhos. Ou seja, a credibilização de outros complexos de saber que apontem outras formas de *vir a ser* e potencializem através de seus saberes formas de encantamento do mundo. Nesse sentido, o *carrego colonial* se manifesta como uma condição de desencante perpetrada e mantida pelos efeitos dominantes em relação à diversidade de formas de ser/saber e inscrever sua experiência. O ser é produzido como não existente por ter suas referências de saber submetidas a uma condição de permanente descrédito, subalternidade e por ter sua enunciação interdita.

O *carrego colonial* pode ser também lido na interlocução com o que Fanon chamou de colonialismo epistemológico ou o complexo do colonizado, a noção em que a vítima interioriza em si a violência e os pressupostos ideológicos do colonizador. Porém, por que, ao nosso ver, é importante nomear essas dimensões como *carrego*? Ora, camaradinhas, porque se trata de algo que não é próprio do ser, mas imposto a ele sob condição de violência; algo que não é necessário e que pode ser despachado.

Assim, outras perguntas rodam na espiral do tempo, nos cruzam feito as flechas atiradas pelos capangueiros da Jurema e caem serenas embaixo dos nossos pés apontando caminhos. O que estamos dispostos a sacrificar para romper com a condição aquebrantada imposta por esse *carrego*? A macumba como complexo de saber e política ancestral se ergue confrontando o caráter indefensável de um projeto civilizatório decadente e imoral, pois o mesmo é inimigo dos modos de vida e das comunidades que aldeiam e terreirizam esse lugar.

O *carrego colonial* enquanto conceito não pode ser lido com os vícios fetichistas das mentalidades e métodos dominantes, mas com implicação política/epistemológica/afetiva nas

infinitas práticas inventadas e inventariadas em prol do bem viver. Nesse sentido, identificar as dimensões e operações do *carrego* nos lança diante da emergência de despachá-lo. Em outras palavras, somos mobilizados a acessar no encanto, enquanto complexo de saberes e gramáticas diversas, ações que transgridam os parâmetros coloniais. O *carrego* impresso como paradigma da dominação do ser/saber que afeta as múltiplas camadas das existências, desde as visíveis às mais sensíveis, revela a necessidade do vencimento da demanda moderna, feitiço monológico e castrador. Assim, não falamos de subversão de lógicas, mas da libertação das dicotomias e maniqueísmos.

A questão que nos é colocada, como fundamento político e que tem o antirracismo e a transgressão dos limites coloniais como princípio ético, é: quando poderemos cantar, dançar, beber e brincar a morte como caráter fundamental da vida? Quando romperemos com a prevalência da escassez, mortandade, mortificação, esquecimento e desencanto para inscrever outros termos que signifiquem a vida em caminhos de boa sorte e não de impotência?

A flecha no tempo nos diz para arriar as obrigações do dia e fazer os sacrifícios. A indicação é fazer dos nossos atos um contínuo rito que pluralize sentidos e transmute a morte em vida para nos livrarmos de uma vida que antecipe a morte. A morte antecipada e vazia de sentidos invocados no rito é o que chamamos de mortandade e mortificação. Orunmilá, enquanto signo do saber pluriversal, que ouve e fala em todas as línguas, nos ensina os segredos para enganar os desígnios de desencanto geridos por uma política de desencante e é responsável pelos assassinatos das mais diferentes ordens e por incutir o esquecimento que nos desliga da ancestralidade.

Assim, o *carrego colonial*, mais que identificar as múltiplas faces de operações exercidas pela maldição colonial, nos convoca à obrigação, em termos ancestrais, de despachar as

obsessões cartesianas e as assentadas em um cristianismo cruzadístico inimigo das diferenças para avivarmos horizontes plurais, cosmopolitas e ecológicos em que a vida seja expressa como força inacabada e por isso impossível de ser capturada por um único sentido. Assim, pactuar com a responsabilidade de exercer caráter comprometido com a diversidade, conhecimento e inacabamento do mundo é um dos principais ensinamentos de Orunmilá.

Não à toa, se Orunmilá, através de seu conhecimento diverso, nos disponibiliza as formas de cura via o sacrifício, é Exu seu parceiro que fiscaliza e dinamiza esses processos de transformação de energias. É Exu, enquanto a boca que tudo come, que transmuta os sentido das coisas engolidas por ele. Daí, o que padecia de imobilidade e foi engolido por sua boca mágica pode ser cuspidos de maneira transformada. Aquilo que se expressa enquanto desencanto não está fadado a permanecer vibrando como tal, porém demandará uma política que restitua a esperança, potência e engane a morte que vem antes do tempo. Essa política se chama ancestralidade, é ela que, ao celebrar a existência como um contínuo e o ser como exercício comunitário, nos concede repertórios de cura para dobrar a escassez e os assombros do desencante.

Assim, nos cabe dizer que o carrego colonial não se expressa somente nas atrocidades cometidas ao longo de séculos de imposição da lógica colonial. Como todo carrego que se preza, o kiumba do dominador se encosta nos bem-intencionados e também nos desatentos, os vampiriza fazendo sobressair o caráter arrogante de uma espiritualidade que despreza outros modos. Dessa forma, ao falarmos das grandes e necessárias transformações estamos também falando dos aspectos miúdos e sensíveis das existências. Qual a política que cabe na baforada de um caboclo, na gargalhada do dono da rua ou na caída do opelê?

Ifá nos aconselha não subestimar aquilo que julgamos ser pequeno. Certa vez, um encantado cuspiu: seu moço, de um pequeno se faz um grande. Vivemos em um mundo em que somos assombrados pelos paradigmas de grandeza. Dessa maneira, desencantados pelos efeitos dessa obsessão, não aprendemos os segredos que encarnam no miúdo. Para contrariar essa lógica haveremos de nos apequenar negando os pressupostos arrogantes de determinadas formas de ser e saber que se julgam grandes. Apequenar-se na gramática macumbeira tem efeito de mandinga, saber que ficou gravado nos elos da pertença entre o velho e o novo e podem nos ensinar a despachar o carrego e fechar o corpo para nossas batalhas.

---

1 Benjamin (2012). Invocar o filósofo como caboclo se dá pelo fato de reconhecermos que parte de suas reflexões estão também presentes na gnoseologia da caboclaría brasileira e afro-diaspórica. Assim, um dos principais *cruzos* se dá nas relações do pensamento de Benjamin com o Caboclo da Pedra Preta, Exu e Orunmilá.

2 Ver Santos (2008).

3 Ver Carneiro (2005).

4 Ver Sodré (2017).

# A educação pelo dendezeiro

*“Iboru, iboya, ibosheshe. A oferta seja feita, aceita e manifestada”.*

O PESSIMISMO NA AVALIAÇÃO NÃO NOS AFASTA DO OTIMISMO e da responsabilidade da ação. Tramando nossos pensamentos como as mãos que fazem a renda de bilro e repercutem as viradas no tambor, firmamos verso sobre a necessidade de se praticar as potências criativas presentes na limitação e no precário, diante do suicídio do país. O Brasil, há de se dizer, é resultado do extermínio secular das experiências comunitárias negras, indígenas e das populações empobrecidas, para se pavimentar como projeto civilizatório tacanho, reducionista e celebrador da barbárie. Eis a diferença entre o Brasil dos obcecados pela flâmula e a brasilidade dos riscadores dos chãos desse lugar.

Assim, rodopiando na espiral do tempo e enfrentando as obsessões cartesianas, o desafio que nos está colocado é o da experiência de viver intensamente na dimensão da morte. Já que morremos, como poderemos viver nessa condição? Eis a tarefa que nos parece estar colocada para que no desate dos “nós cegos” os caminhos se prolonguem.

Defendemos, nesse limite, uma educação pelo dendezeiro. Temos que temperar de axé a farofa brasileira. Mas o que seria isso?

Quando falamos do dendezeiro, nos referimos a um poema de Ifá, a tradição oracular dos iorubás. Resumidamente, diz a versão mais conhecida do poema que o sábio Orunmilá, aborrecido com a vaidade e a sede de poder de alguns de seus filhos, resolveu deixar a terra. Foi, entretanto, condescendente e disse que ainda daria aos filhos a chance de conversar com ele. E deixou dezesseis caroços de dendê, que deveriam ser consultados para que a sua palavra fosse conhecida. Esse é um dos caminhos que narram o nascimento da consulta oracular pelos ikins, os caroços de dendê.

Orunmilá deu uma lição aos filhos seduzidos por pompas e vaidades: o caroço de dendê é o que de mais simples e acessível existe. O dendezeiro nasce em qualquer lugar. Orunmilá atribui ao mais simples, ao corriqueiro, ao elemento presente em abundância no cotidiano, ao menos óbvio por ser rigorosamente comum, o segredo do conhecimento, a guarda do destino, o preceito dos ebós, o catálogo das folhas, o repertório dos cantos de encantamento, a sofisticação de todas as semânticas e gramáticas e o mistério da prática do axé.

E o que definimos como “axé” pedagogicamente praticado?

Entendemos a prática do axé como aquela que designa um modo de relacionamento com o real fundamentado na crença em uma energia vital — que reside em cada um, na coletividade, em objetos consagrados, alimentos, elementos da natureza, procedimentos rituais, na sacralização dos corpos pela dança, no diálogo dos corpos com o ritmo etc. — que deve ser constantemente potencializada, ofertada, restituída e trocada/transformada para que não se disperse. E falamos de um axé praticado que transcende os limites da prática religiosa dos terreiros.

Nesse sentido, falamos de potência, restituição, troca e

transformação: caminhos da vida vital, aquela que subverte a morte enquanto condição do ser vivente que não consegue conciliar o caminho que o ori (a cabeça que escolhe o destino) quer trilhar com os descaminhos da vida desencantada. Dizemos isso porque estamos vivendo uma vida morta, de cadáveres adiados fadados ao aniquilamento; como o país. Neste ritmo ninguém haverá de contar as nossas histórias na porta da casa dos ancestrais.

Defendemos a emergência de uma educação como axé, como experiência de transformação radical, ancorada em ações responsáveis e pedagogias implicadas em transgredir e expurgar o desencante que assola o mundo. Urge a restituição da vivacidade a partir da aproximação cotidiana com sabedorias de frestas, franjas, brechas, fendas, sínopes, gingas, dribles, rumores, brisas constantes, gargalhadas na mata e artes de garrinchar o horror com a instabilidade sorrateira das pernas tortas, que ameaçam ir para um lado e caminham com a bola para o outro.

Urge defender o dendezeiro, atentar para o miúdo, encantar o trivial com a palavra, a política como fazer poético, resguardar a sanidade, proteger os corpos expostos, aprimorar afetos bordados na solidariedade das catacumbas, entender o cotidiano como instância de aprendizagens, fortalecer gramáticas não normativas e ousar o encanto como prática transgressiva. O dendezeiro aqui encarna a força dos comuns, as experiências e sociabilidades enredadas nos cotidianos, mas que ao longo do tempo foram investidas de não reconhecimento e credibilidade.

Desta maneira, uma educação pelo dendezeiro nos convoca a enfrentar o radical dessa experiência humana, tecida, compartilhada e contínua, que é a responsabilidade com a vida em toda sua diversidade. Assim, o caráter plurilinguista do dendezeiro, como símbolo daquilo que imanta a diversidade existente no mundo e a disponibilidade para o diálogo com as

mais diferentes formas de sentir e praticar a vida, navega em rota contrária à do modo de ser que almeja a vaidade e o poder. Esse modo tomado por delírios metonímicos se distancia da sabedoria da mesma forma que os filhos de Orunmilá se afastaram de seu pai. Uma educação que não recorre à sabedoria assente na diversidade e nas possibilidades existentes nos cotidianos padece de imobilidade e se torna escrava do tacanhismo.

Ao contrário do que muitos pensam, a educação como princípio/fazer político não é exclusivamente um modelo de ensino de determinados pressupostos ideológicos que aludem sobre um padrão de sociedade. Quando se reivindica a educação como princípio/fazer político, se diz que a mesma é processo radicalizado em nossas existências e na produção de sentidos de nossas práticas. Assim, educação emana das gentes, de suas experiências e ações no mundo, por isso ela é fundamentada na ética. Se a experiência social é diversa, muitas serão as formas de educação possíveis. Os cotidianos como campo inventivo, terreiros cruzados por batalhas e mandingas são os tempos/espacos de potência para a emergência de modos que confrontem a arrogância de um modelo totalitário.

Os ikins, caroços de dendê, como um dos signos da sabedoria de Ifá, nos ensinam que o conhecimento, que deve ser lido como força vital, versa em múltiplas línguas. Ou seja, a diversidade de presenças implica na pluralidade de experiências, suas transmissões e tessitura de suas redes. Assim, a educação como uma dinâmica da vida, do axé, não pode estar livre de problematização e manutenção de crítica que reivindique a produção e o caráter de suas respostas.

Nesse sentido, tomar a educação como argumento para a produção de um projeto formativo que recuse o seu caráter político, entendendo aqui a política como radical assente e imanente nos seres e na diversidade, é lançá-la à mortificação.